

Fora de Foco

Nada mais atrasado do que a tentativa de emoldurar o segundo turno entre o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, e o do PT, Luís Inácio da Silva, como um confronto entre o capital e o trabalho. Insistir nessa tecla, estimulando um radicalismo extemporâneo de parte a parte, é voltar o Brasil de costas a onda de modernidade que abriu as fronteiras do bloco socialista à tecnologia criada pelos investimentos das empresas do mundo capitalista.

O mundo caminha para a interdependência entre os sistemas econômicos, e não apenas pela necessidade de complementação das vantagens comparativas. A consciência de que a própria Terra pode perder as condições de habitabilidade em 100 anos exige a remoção de preconceitos e barreiras. O que está em jogo é algo muito maior do que a disputa do capital *versus* trabalho: é a própria sobrevivência da humanidade.

Quinto país em extensão territorial, o Brasil é uma das reservas de recursos naturais do planeta, e não pode continuar fechado ao contato com o resto do mundo. A União Soviética, a Hungria, a Polônia, a China e a Alemanha Oriental passaram por cima de dogmas ideológicos e recorreram ao capital estrangeiro para modernizar suas economias e melhorar o bem-estar da sociedade de cada um deles.

Poderá o Brasil acompanhar o que se passa no mundo com a permanência de barreiras ao capital estrangeiro? Nossa economia poderá se modernizar e atualizar mantendo o coeficiente de abertura de importação de apenas 4% do PIB? Parece claro que não. Isto não significa que as fronteiras nacionais sejam levantadas para a entrada de capital estrangeiro predatório. Há muitos meios de se proteger os

interesses nacionais sem o recurso extremo do fechamento das fronteiras.

Uma pesquisa realizada entre as mais diversas camadas da sociedade brasileira pelas 100 maiores empresas multinacionais instaladas no país concluiu que as empresas estrangeiras são admiradas por instilar eficiência e modernidade na economia, oferecendo a seus empregados melhores salários e condições de trabalho do que as empresas privadas nacionais. Como as multinacionais operam em setores de capital intensivo, naturalmente podem pagar melhor. Mas a verdade é que elas tendem a reproduzir no país relações de trabalho no padrão do país de origem.

Esse é um indicador de que o capital pode ser eficiente e favorável ao trabalho. O problema brasileiro é a própria essência de seu capitalismo, formado em muitos casos de empresários sem capital e dependentes dos subsídios, incentivos, cartórios e reservas de mercado emanados do Estado. O que está fora de foco no Brasil é a posição do Estado. Capital e trabalho precisam se aproximar sem preconceitos, para construir um Brasil melhor e mais moderno.

Um dos caminhos para isso — ao lado do preliminar saneamento das finanças — é a democratização do capital das empresas brasileiras para a participação, como acionista, de toda a sociedade, incluindo os trabalhadores. Essa é a melhor forma de redistribuir a renda e de deslocar a poupança nacional estacionada no *overnight* para as empresas e os investimentos produtivos que empurram o país para a frente. Esses são temas que devem ser aprofundados pelos candidatos neste segundo turno.